



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UNB

INSTITUTO DE LETRAS –IL

DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURA

**DA OPINIÃO À CONSTRUÇÃO DA REALIDADE: UMA ANÁLISE DO
NEOPOMADISMO EM TEMPOS DE *FAKE NEWS***

ANDRÉA OLIVEIRA DE SÁ

BRASÍLIA - DF

2023

ANDRÉA OLIVEIRA DE SÁ

**DA OPINIÃO À CONSTRUÇÃO DA REALIDADE: UMA ANÁLISE DO
NEOPOMADISMO EM TEMPOS DE *FAKE NEWS***

Monografia apresentada ao curso de graduação em Língua Portuguesa e Respectiva Literatura da Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção de grau de licenciado em Letras – Português, sob orientação da Profa Dra. Luciana Barreto Machado Rezende.

AGRADECIMENTOS

Especialmente a Machado de Assis, o responsável por abrir o meu mundo para o prazer da literatura, a qual me fez cursar Letras, área em que me encontrei.

À UnB, por ser o meu local favorito no mundo e também por sua riqueza intelectual e cultural.

À professora Luciana Barreto, primeiro pelas aulas incríveis, por me mostrar que a educação brasileira merece mais da literatura como protagonista, e também pela orientação e apoio com esta pesquisa.

A todas e todos os professores que me iluminaram e irão me iluminar com seus ensinamentos motivadores para repensar as metodologias e o processo de ensino-aprendizagem de forma crítica.

Aos meus pais, que são o conforto e a ajuda nas horas mais difíceis da minha vida.

À minha irmã e melhor amiga Ângela, por me escutar e me apoiar em todas as coisas.

Ao meu namorado, Jefferson, por me acompanhar nessa árdua caminhada, aconselhando-me e mostrando-me que sempre há motivos para sorrir.

Aos meus amigos e amigas, que me apoiam e que estão sempre presentes apesar da distância imposta pelas responsabilidades da vida adulta.

Às minhas filhas peludas, Amy, Lily e Chica, por demonstrarem tanto amor.

Por fim, agradeço a todas e todos que contribuíram e ainda contribuirão com esse longo e desafiador caminho de me formar educadora.

Aos que crescem ao deleite da literatura a ação da transformação.

RESUMO

Esta pesquisa fundamenta-se na análise do conto *O Segredo do Bonzo* (1882), de Machado de Assis, estabelecendo conexões entre o seu enredo e o fenômeno das *fake news*. Essa associação torna-se evidente pela invenção do *pomadismo* por Machado. O pomadismo é uma doutrina que deturpa a realidade e impõe a opinião como única necessária para a existência e compreensão do mundo, relegando a realidade somente à conveniência. Na Era da Informação, emerge o que se pode denominar de “neopomadismo”, o qual origina novas maneiras de criar falsas realidades. Essas coexistem nas redes sociais, ambiente em que o mascaramento de seus usuários, somada a velocidade de distribuição de informações, possibilita a disseminação de *fake news*. É nesse cenário de confusão entre o que é fato (autêntico) e *fake* (fabricado) que o gênio da literatura brasileira se faz contemporâneo. A sua leitura crítica da sociedade brasileira do século XIX se eternizou em suas obras, cujas temáticas permanecem em diálogo com a atualidade. Nessa perspectiva, a literatura machadiana ao ser inserida em sala de aula para discutir questões contemporâneas possui um extenso potencial pedagógico.

Palavras-chave: *O segredo do Bonzo*; pomadismo; *fake news*; leitura crítica

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS

DEDICATÓRIA

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. Aparência <i>versus</i> realidade: a realidade é a aparência?.....	11
2.1. Do enredo e das bases do pomadismo.....	13
3. O pomadismo em tempos de <i>fake news</i>	18
3.1 Os neopomadistas da pandemia de covid-19.....	20
3.2 Neopomadismo e a construção de realidades paralelas.....	23
4. Em sala de aula: Machado, um tradutor da contemporaneidade.....	25
4.1 Da leitura machadiana para a formação crítica do leitor.....	27
4.2 Uma proposta educativa nada pomadista.....	29
4.3 Descrição das etapas da proposta.....	30
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
6. REFERÊNCIAS.....	36

“Realidades falsas criarão humanos falsos. Ou, os humanos falsos irão gerar realidades falsas e depois vendê-las a outros humanos, transformando-as, eventualmente, em falsificações de si mesmos. Então acabamos com humanos falsos inventando realidades falsas e depois vendendo para outros humanos falsos”.

– Philip K. Dick, 1996.

1. INTRODUÇÃO

A referida pesquisa parte da análise do conto *O Segredo do Bonzo*, presente na coletânea *Papéis Avulsos* (1882), de Machado de Assis, e tem por objetivo mostrar como o seu enredo guarda relação com o fenômeno atual das *fake news*. A ideia, para esse enfoque, surgiu durante o contato, em uma plataforma de rede social, com uma charge provocativa, que apresenta duas ilustrações. A primeira retrata o filósofo e matemático francês René Descartes, acompanhado de seu notória pensamento-axioma: “Penso, logo existo”. Na segunda ilustração, é representado um homem do século XXI com o seguinte dizer: “Acredito, logo estou certo”. O teor irreverente de seu conteúdo, além de sugerir uma crítica ao que a contemporaneidade considera como “verdade”, resgata a sagacidade machadiana, que também traz questionamentos similares a sua época, introduzindo, para isso, o conceito do chamado “pomadismo”.

Machado de Assis (1839-1908), o mestre da crítica, de forma fina e corrosiva, emprega, intimamente, ironia, sátira e humor, para revelar os múltiplos disfarces de uma sociedade oitocentista, digamos, “oca” de realidade, dadas as hipocrisias nos campos social e das individualidades. Em sua atemporalidade, consegue transportar o seu leitor para períodos históricos diferentes. Passado e futuro se entrelaçam, ambos permeados pelas contradições: aparência e essência, verdade e mentira, opinião e realidade.

O exame dessas temáticas, tendo como objeto o conto analisado nesta pesquisa, inicia-se há mais de quatrocentos anos, a partir de *Peregrinação* (1614), célebre livro de Fernão Mendes Pinto (1510-1583), um dos textos portugueses mais lidos e traduzidos. Nesse livro, o autor relata sobre o que viu das suas viagens ao Extremo Oriente durante o tempo dos “descobrimientos”, fornecendo um documento de natureza histórica. No entanto, ao longo do tempo, a narrativa de Mendes Pinto tem sido alvo de suspeitas. Leituras posteriores da obra apontam diferentes possibilidades de interpretação de seu conteúdo, uma vez que reúne elementos simultaneamente ficcionais e históricos. É a partir dessa ambiguidade e da má fama atribuída a Fernão Mendes Pinto que Machado escreve *O Segredo do Bonzo: capítulo inédito de Fernão Mendes Pinto* (1882).

Em uma estratégia recursiva mimética, o autor brasileiro imita a escrita de Mendes Pinto, e, para conferir certa “realidade” à ficção, oferece a autoria do conto “ao viajante escritor que tantas maravilhas disse” (ASSIS, 2007 p.119) Nessa referência, reconhece-se a

sutileza da ironia machadiana, a partir da qual associam-se “as maravilhas” proclamadas por Mendes Pinto na *Peregrinação* a mentiras, mas retirando-lhes esse caráter negativo.

No conto, somos apresentados ao discurso irracional e absurdo pregado pelos pomadistas de Fuchéu, os seguidores da doutrina criada pelo bonzo Pomada. O anúncio de uma doutrina “digna de ser divulgada” (ASSIS, 2007, p.119) é realizado no início do enredo. A descoberta desta se dá no momento em Fernão e outra personagem denominada Diogo Meireles se deparam com aglomerados de moradores da aldeia ovacionando oradores que alegam conhecer a “origem dos grilos” e o “princípio da vida futura”. Os dois estrangeiros curiosos por compreender o porquê de duas experiências tão semelhantes procuram o alparqueiro Titané que supõe que os tais oradores “andem cumprindo uma nova doutrina” (ASSIS, 2007, p. 121). Essa doutrina se resume ao ensinamento de que “se algo não existir na realidade, mas existir na opinião das pessoas, esse algo passa a ter uma existência real” (ASSIS, 2007, p.122). Segundo essa visão, apenas a opinião é necessária para a construção da realidade, enquanto esta é operada como meramente conveniente. A premissa dessa teoria configura-se como um tema recorrente na obra machadiana e reflete a contraposição entre essência e aparência.

Alfredo Bosi (1979) afirma que “à medida que cresce em Machado a suspeita de que o engano é necessidade”, mais este deduz que a aparência é a força impulsionadora da humanidade. Porém, não se trata de qualquer aparência, mas da aparência dominante, a única capaz de elevar aquele que *parece ser* à vida pública, ao status de “medalhão”. Já a essência, não a conhecemos bem a verdadeira face, apenas nos é permitido saber, por Machado, que se trata daquilo que está encoberto pelas aparências.

A doutrina pomadista sugere que a aparência também cria a essência. Ao aplicar a teoria do bonzo, os seus adeptos simulam experiências extravagantes com a massa do reino de Bungo, cenário da narrativa. O estranhamento maior de tais empreitadas se resume ao “nariz metafísico”, ponto alto da história. Quando não mais enxergam os narizes em suas faces é que as personagens machadianas são e se deixam enganar pela aparência, sucumbindo à “realidade conveniente”.

Mas o que vem a ser a realidade - dimensão empírica, ou projetada? Eis a questão! Trata-se de uma experiência pomadista? São provocações as quais com notas espirituosas, como lhe é de praxe, mas sem respostas taxativas, Machado desafia e confronta o leitor a assumir a responsabilidade da solução de tais dilemas. Por sua vez, o escritor fluminense nos

fornece pistas robustas: uma história grotesca, notavelmente ilustrada pelo “desnarigados” de Fuchéu, que acaba por revelar os charlatões que deformam a realidade.

Na contemporaneidade, novas formas de falsificar a realidade vêm ampliando-se. Podemos, assim, chamar de os neopomadistas da era digital, alocados em redes de desinformação, espaço para a criação das *fake news*. Na pandemia de Covid-19, tivemos um exemplo catastrófico de como teorias rasas prosseguem modelando os rumos da existência humana. Semelhantes aos vírus, as notícias falsas contaminam as redes sociais e a mente de indivíduos. Aprisionados em “bolhas”, os usuários reafirmam as suas crenças, tornando-se, cada vez mais, intolerantes ao que e a quem lhes contraria. O século da informação tornou-se, então, cenário ideal para os extremismos políticos, religiosos e ideológicos. Ademais, o “mal deste século” reflete uma espécie de repouso e de passividade. Opta-se por ignorar a realidade concreta, a qual é quase sempre desagradável. Consente-se em aceitar “narizes imaginários”.

“Diogo Meireles desnarigava-os com muitíssima arte; depois estendia delicadamente os dedos a uma caixa, onde fingia ter os narizes substitutos, colhia um e aplicava-o ao lugar vazio. Os enfermos, assim curados e supridos, olhavam uns para os outros, e não viam nada no lugar do órgão cortado; mas, certos e certíssimos de que ali estava o órgão substituto.” (ASSIS, 2007, p. 125).

Mas, em sua grandiosidade literária, Machado recusa esse estado contemplativo. A sua ferramenta de trabalho é a escrita e a consciência profunda da realidade que o cerca. Por meio do conto analisado e de sua literatura, ensina-nos o quão é importante agir, com desconfiança e criticidade, diante dos contextos. A sua presença inquietante em tempos de *fake news* é de imediato um alerta, pois nos demonstra que problemas antigos vêm sendo reinventados, mas também é uma esperança de que, ao lermos os seus clássicos, sejamos despertados para a esperada e verdadeira realidade.

Esta pesquisa está estruturada em três capítulos. O primeiro busca responder à pergunta central, que o abre. Para esse propósito, perpassa a contextualização do conto *O segredo do Bonzo* e a exposição da dialética aparência e essência, assim como a discussão dos alicerces da teoria pomadista. No segundo capítulo, enfatizam-se os meios e os modos de atuação do pomadismo na era da informação, que denominei de “neopomadismo”. Exemplifica-se essa relação com a disseminação de *fake news* na pandemia de Covid-19 e nas redes sociais, de forma geral. No terceiro e último capítulo, aborda-se a contemporaneidade de Machado de Assis no século XXI. Defende-se que a sua presença persistente é fundamental para a formação crítica do leitor e cidadão. Nessa perspectiva, a escola deve tomar partido, especialmente criando e incentivando estratégias de ensino que promovam os

letramentos digital e literário, que, entre outras coisas, tornem-se efetivos aliados contra a desinformação. Com isso em mente, sugiro uma proposta educativa denominada “nada pomadista”, a qual parte do engajamento do aluno para a leitura do conto, seguida de uma investigação pormenorizada de exemplos de *fake news*.

2. APARÊNCIA *VERSUS* REALIDADE: A REALIDADE É A APARÊNCIA?

No presente capítulo, pretende-se apresentar o enredo de *O Segredo do Bonzo*, e a partir de sua contextualização explicitar as raízes do “pomadismo”. Para além da discussão aparência e realidade, a narrativa da obra desvela a ambição humana por fama e reconhecimento público, evidenciando o discurso e o poder como ferramentas de manipulação da realidade, bem como por meio do argumento de autoridade. Pela abordagem dessas temáticas, busca-se, ainda, responder à inquietante indagação introduzida no título deste capítulo.

Ao longo de sua vida, Machado de Assis produziu aproximadamente duzentos contos. Doze dessas produções foram reunidas em uma coletânea a qual intitulou *Papéis Avulsos*, contendo *O Alienista*, *Teoria do Medalhão*, *A Chinela Turca*, *Na Arca*, *D. Benedita*, *O anel de Polícrates*, *O Empréstimo*, *A Sereníssima República*, *O Espelho*, *Uma Visita de Alcibiades e O Segredo do Bonzo*. Publicada em 1882, a coletânea é apontada pela crítica como parte da fase madura de Machado, em razão de o escritor haver publicado um ano antes o célebre romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), marco do realismo brasileiro.

A palavra “avulso” que compõe o título do livro de contos, apesar de denotar imprevisto em seu arranjo, nada tem de casual e, possivelmente, foi genialmente organizado por Machado, “a ponto de integrar enredos cada vez mais inverossímeis em suas narrativas” (Caixeta, 2018, p.13), articulando-se em suas temáticas, que, em geral:

Além de discutir as questões sociais, Machado trabalha também as questões humanas e as problemáticas contundentes de personalidade do indivíduo. Em outras palavras, o autor estuda a psicologia profunda das personagens sem esquecer a sociedade na qual estão inseridas, assim partindo de um ponto de análise individual para o coletivo (SILVA, 2018, p. 2).

Um dos temas mais caros de sua obra é a dualidade essência versus aparência¹. Esse binômio pode nos levar a caminhos interpretativos diversos. Para o propósito desta pesquisa, esse tema resvala na retratação das estruturas sociais do oitocentismo burguês oitocentista, as quais Machado expõe seus valores e modo de vida, cujas dimensões estão mergulhadas em aparências.

Essa representação das aparências nos enredos machadianos resulta do humor ácido e do discurso do absurdo, que se modula a partir de situações hiperbólicas e paroxísticas, fortemente ironizadas. As suas personagens reproduzem e percutem múltiplos disfarces sociais determinados pelas convenções existentes. Assumindo, muitas vezes, a postura ou o lugar de um “outro”, Machado também se apresenta ocultamente, sob o signo dos pseudônimos (MOTTA, 2021). Ao leitor mais atento, não restará dúvidas de que o disfarce deste por meio dos seus entes ficcionais presentifica-o como crítico voraz das contradições, que se apresentavam na sociedade brasileira do século XIX.

Em *O Segredo do Bonzo*, horizonte de análise desta pesquisa, publicado na Gazeta de Notícias, sob o subtítulo “Um capítulo inédito de Fernão Mendes Pinto”, Machado lança mão das mesmas estratégias de ocultamento, que, paradoxalmente, assumem caráter revelador. O enredo é exposto como um prolongamento, ou um apêndice ao livro *Peregrinação*², texto este que remete aos relatos de viagem do narrador, personagem e autor português Fernão Mendes Pinto ao Extremo Oriente. Como se trata de uma suposta continuação proposta por Machado, somos levados a encará-lo como extensão do texto real do escritor português.

Também é o próprio Machado que faz o leitor desavisado reconhecer na *Peregrinação* um dos documentos históricos mais célebres do tempo dos descobrimentos. No entanto, a sua recepção como fonte histórica é marcada por uma ambiguidade narrativa, que percorre fato e ficção. Seria a obra confirmada pela igualmente célebre glosa atribuída: “Fernão, Mentos? Minto!” Machado parece tomar partido a favor desse ponto de vista. O escritor brasileiro se apropria do estilo de escrita empregado na *Peregrinação*, sem dispensar, obviamente, a riqueza de sua própria estética literária. Ele imita, mas se esgueira, como lhe é de praxe,

¹ Nesta pesquisa *essência* é sinônimo de realidade. No mundo “real” não conseguimos ter uma dimensão total das coisas, a vida nos é apresentada através de fragmentos que julgamos ser o todo. As ideologias dominantes selecionam aquilo que devemos ter acesso, mas a ficção nem sempre obedece aos princípios de uma dada ideologia. Através da sua suposta “neutralidade” em relação à realidade, a ficção consegue apresentar mais realidades do que a própria “realidade” (SILVA; SOUZA, 2007).

² Em nota de rodapé, Machado informa que *O Segredo do Bonzo* surgiu com a finalidade de preencher o intervalo de *a Peregrinação* entre os capítulos CCXIII e CCXIV.

oferecendo a pena para Fernão Mendes Pinto narrar em primeira pessoa o capítulo inédito de mais uma de suas viagens.

2.1 DO ENREDO E DAS BASES DO POMADISMO

O conto se passa em Fuchéu, capital do reino de Bungo, por volta do ano de 1552. O narrador nos adianta que a história cuidará de dizer sobre uma doutrina “[...] não menos curiosa que saudável ao espírito, e digna de ser divulgada” (ASSIS, 2007, p.119). O narrador, acompanhado da personagem Diogo Meireles, a quem somos informados tratar-se de um homem estudado no exercício da medicina e conhecedor da língua falada na cidade de Fuchéu, é confrontado em um passeio com um aglomerado de pessoas. E como faziam barulho notório, os dois passantes pararam para observar o que estava acontecendo. Sucedeu que esse grupo de pessoas escutava atentamente a um orador de nome Patimau, cujo discurso, traduzido por Diogo Meireles, dizia sobre a origem dos grilos que “procedia do ar e das folhas de coqueiro, na conjunção da lua nova”. O orador acresce afirmando, ao público presente, que se dedicou ao estudo por longos anos e que aquele conhecimento só era acessível aos versados, como ele, em matemática, física e filosofia. Sem questionamentos e convencidos, a plateia levanta em alvoroços e gritarias, glorificando a sabedoria de Patimau.

Nem mal se recuperavam do presenciado com Patimau, em seguida, esbarram em um mais uma aglomeração de gentes da região. Dessa vez, tratava-se de ouvintes da palestra de Languru. Diogo Meireles relata que aquele discorria sobre a descoberta do princípio da vida futura, que seria “nada menos que uma certa gota de sangue de vaca” (ASSIS, 2007, p.120). Igualmente reiterava o máximo empenho no estudo do tema. E, mais uma vez, sem questionamentos, o orador é reverenciado. Percebendo a semelhança dos achados, os viajantes discutem sobre o caso com o alparqueiro Titané. Este desconfia que os palestrantes podem estar “cumprindo uma nova doutrina” (ASSIS, 2007, p.121). Explica, ainda, que essa doutrina é atribuída a um bonzo “morador em umas casas pegadas ao monte Coral” (ASSIS, 2007, p.121). Curiosos de saber sobre o bonzo e a sua doutrina, pediram-lhe que os levassem ao local da moradia do sacerdote.

Ao conhecer o bonzo, um senhor de cento e oito anos, que atende por Pomada, somos apresentados à teoria que deriva de seu nome *pomadismo*:

Haveis de entender, começou ele, que a virtude e o saber têm duas existências paralelas, uma no sujeito que as possui, outra no espírito dos que o ouvem ou

contemplam. Se puserdes as mais sublimes virtudes e os mais profundos conhecimentos em um sujeito solitário, remoto de todo contato com outros homens, é como se eles não existissem. Os frutos de uma laranjeira, se ninguém os gostar, valem tanto como as urzes e plantas bravias, e, se ninguém os vir, não valem nada; ou, por outras palavras mais enérgicas, não há espetáculo sem espectador. Um dia, estando a cuidar nestas cousas, considerei que, para o fim de alumiar um pouco o entendimento, tinha consumido os meus longos anos, e, aliás, nada chegaria a valer sem a existência de outros homens que me vissem e honrassem; então cogitei se não haveria um modo de obter o mesmo efeito, poupando tais trabalhos, e esse dia posso agora dizer que foi o da regeneração dos homens, pois me deu a doutrina salvadora (ASSIS, 2007, p.121).

Infere-se que a razão da doutrina se relaciona com a dialética da relação do Eu com o Outro, afinal não existe espetáculo sem espectador. Nesse sentido, Hegel (1992) aponta que essa carência do Outro é constitutiva do próprio sujeito humano, da necessidade de reconhecimento do Outro que faz o Eu, ou como nas palavras do filósofo - “A consciência de-si só alcança sua satisfação em uma outra consciência-de-si” (HEGEL, 1992, p.124-125). O espectador torna o drama possível, o seu reconhecimento e a sua validação são necessários também para o louvor de quem o produziu. De nada importa, como nas próprias palavras do bonzo, os conhecimentos e as virtudes acumulados. É preciso se mostrar e, principalmente, ser visto, por certo que o ser subjetivo não existe se ninguém o acessa.

Dessa interpretação, importa à menção a escolha da palavra *pomada* para se referir à personagem que nomeia o conto. Assim como o enredo não guarda nenhuma casualidade, “pomada” engloba o sentido de *unguento*, *cosmético*, aquilo que se pode utilizar sobre a pele na tentativa de ocultamento de alguma imperfeição, assim como possui a acepção de *charlatanice*, *lorota*. Tamanha sugestividade no batismo das personagens revela mais um dos preciosismos do autor brasileiro. As personagens machadianas conhecem exatamente a maneira e o motivo pelo qual foram nomeadas. Esse ato simbólico antecipa as características da personagem, além de se remeter diretamente à qualidade ou ao defeito desta (CORDEIRO, 2006).

Cientes dessa dimensão, e com o nosso olhar direcionado, podemos retomar a história do conto exatamente no ponto no qual o narrador nos explica o cerne da doutrina pomadista:

Mal podeis adivinhar o que me deu ideia da nova doutrina; foi nada menos que a pedra da lua, essa insigne pedra tão luminosa que, posta no cabeço de uma montanha ou no píncaro de uma torre, dá claridade a uma campina inteira, ainda a mais dilatada. Uma tal pedra, com tais quilates de luz, não existiu nunca, e ninguém jamais a viu; mas muita gente crê que existe e mais de um dirá que a viu com os seus próprios olhos. Considerei o caso, e entendi que, se uma cousa pode existir na opinião, sem existir na realidade, e existir na realidade, sem existir na opinião, a conclusão é que das duas existências

paralelas a única necessária é a da opinião, não a da realidade, que é apenas conveniente (ASSIS, 2007, p.122).

Nesse momento, o leitor compreende *O segredo do Bonzo*, o qual, dito em outras palavras, consiste em afirmar que basta algo existir na opinião das pessoas para assumir uma existência real, ao passo que a realidade é apenas conveniente. A revelação de tal segredo é a evidência de que o pomadismo prega a deturpação da realidade, concebendo-a, a seu modo. A distorção da realidade, por meio da opinião, abre-se para o questionamento sobre como as aparências comandam uma outra forma de existência, em sua totalidade apartada da essência. É somada a essa perspectiva que buscamos o entendimento de como é possível conceber uma realidade paralela, partindo dessa premissa, a qual se assenta, sustenta-se e é criada pela opinião, em sua extensão, pela aparência.

No *Segredo do Bonzo*, as aparências tornam-se explícitas a partir das experiências de Fernão, Diogo e Titané, que saem convertidos do encontro com o bonzo em verdadeiros pomadistas. Doutrinados e persuadidos a pôr em prática o pomadismo, Titané, comerciante de alpagartas, tem a ideia de anunciar, em um jornal da cidade, a fama ainda não existente de sua mercadoria, cuja menção do imperador no veículo lhe confere o título de “alparca do Estado”. Ao manipular tal opinião no povoado de Fuchéu, consegue angariar, simultaneamente, lucro e fama. Fernão empreende, com igual desfaçatez, logrando impor a opinião de ser um grande instrumentista de charamela, para isso, tão somente, faz uso “dos ademanes, da graça em arquear os braços para tomar a charamela” (ASSIS, 2007, p.124). Facilmente, é exaltado pelos espectadores presentes.

Nesse sentido, extrai-se dessas bem-sucedidas pseudoexperiências o primeiro dos sustentáculos da doutrina pomadista, o qual Machado intitula “amor da glória”, ou “sede da nomeada”. A sátira machadiana, em sua dimensão antimoralista, desnuda o justo sentido do desejo de consideração e louvor, que é o motor da ação de suas personagens (CORRÊA, 2020). Ainda que o argumento do bonzo Pomada e seu séquito alegue ser a doutrina a favor *da glória do reino de Bungo e benefício do mundo*, como também Brás Cubas, em suas *Memórias Póstumas*, apregoava a invenção do emplasto como um medicamento milagroso com efeito contrário à melancolia humana - ambos, em seu íntimo, desejam colher os ambicionados frutos de suas ações. Ambicionam, antes de tudo, a fama e a estima social. A admiração do Outro torna-se o alimento da alma das personagens machadianas, a tal ponto que a inverdade e a aparência de suas existências, sendo creditadas pelo Outro, apresenta-se como suficiente para pô-los em evidência, e a autopromoção é só o que lhes importa.

A alma nutrida pela validação do Outro é a que Cândido (2004) chama de “segunda alma”, a da “aparência”. Em *Teoria do Medalhão*, um diálogo entre pai e filho, no mesmo dia em que este completa 21 anos, demonstra, de forma flagrante, como basta tão somente *aparentar ser* algo, como, ser sábio, por exemplo. A história nos conta que um pai aconselha ao filho o modo de ser um “medalhão”. Medalhão é um ofício que, no contexto do conto, representa riqueza e notoriedade, sendo que, para alcançar tal status, é necessário abdicar de si próprio, fazer-se a partir da opinião do Outro e das aparências:

O abismo entre o ser-para-si e o ser-para-outrem, eis o escândalo que apavora. Ou que designa o enigma incontornável da subjetividade. Noutras palavras, o hiato que, separando-me do exterior, separa-me de mim mesmo. Tal incapacidade de se ver de fora parece implicar uma deficiência ou uma fratura do próprio ser. Ser assim é também uma maneira de não ser (PRADO Jr., 1985, p.247).

O sistema das aparências no pomadismo tem o seu clímax na mais extravagante e absurda das experiências narradas. Em Fuchéu, havia uma doença capaz de fazer inchar os narizes dos doentes a ponto de tomar-lhes metade do rosto, sendo o único meio de cura a extração do órgão. Como todos se recusavam a tão extremado tratamento, Diogo Meireles, que, como mencionado, pratica a medicina, engenhosamente trouxe a solução para “persuadir os infelizes ao sacrifício” (ASSIS, 2007, p.125). Essa invenção consiste em um nariz de natureza metafísica, que, como o próprio narrador nos explica, é totalmente inacessível ao domínio dos sentidos humanos. O projeto da intervenção médica é reforçado por outras autoridades científicas, como físicos, filósofos e bonzos, desejosos em apanhar o seu quinhão da glória. É desse disfarçado argumento científico que, mais uma vez, o povo de Fuchéu é enganado. O engodo é tamanho que, mesmo depois de desnarigados por Diogo Meireles, os pacientes “continuaram a prover-se dos mesmos lenços de assoar” (ASSIS, 2007, p.125).

À vista desse episódio é que podemos identificar outros pilares do pomadismo. Um deles é o emprego discursivo para veicular as ideias da doutrina. O discurso, que se manifesta pela linguagem, é conceituado por Émile Benveniste (1974), em sua dimensão mais ampla, como “toda enunciação que pressupõe um locutor e um ouvinte e, no primeiro, a intenção de influenciar o outro” (apud. KURODA, 1983, p. 121). É o discurso que interfere na consciência e na constituição da mentalidade dos indivíduos. Por sua vez, a consciência também é social. Mentalidade e consciência estão intimamente ligadas à sociedade que as engendraram. Por isso, elas tendem a reproduzir a sociedade existente (VIANA, 2009). Discurso é poder, uma vez que não existe neutralidade, servindo aos interesses de uma determinada classe social, a qual controla o significado das palavras, impondo-as à

coletividade. Na ficção machadiana, essa classe social é a burguesa, dominante intelectual e economicamente, detendo, portanto, o poder e limitando o discurso.

Dito isso, é possível inferir que o discurso assume um caráter mobilizador, porquanto age sobre o sentido atribuído à realidade o que diz respeito a como o próprio discurso reproduz e assume, ele mesmo, a forma de uma relação de poder. É por via do discurso manipulado que a doutrina de Pomada consegue se fazer espetáculo, criando e sustentando, pela crença do Outro, uma realidade de aparências. Da empresa de Diogo, extrai-se, ainda, um último pilar do pomadismo, o qual iremos abordar nesta pesquisa: o argumento de autoridade. Da Antiguidade, é Aristóteles quem fundamenta os estudos de argumentação - os “preferíveis” são estudados pela retórica, destinando-se a persuadir alguém de que uma determinada tese deve ser aceita, porque ela é a mais justa, mais adequada, mais benéfica, mais conveniente e assim por diante” (FIORIN, 2015, p. 18). A autoridade é a fonte na qual se valida um argumento. “Se uma autoridade em determinada área diz alguma coisa sobre algo, a possibilidade dessa afirmação ser “justa, adequada”, correta, é bastante grande, portanto, ela é digna de confiança” (SCHMIDT; SANTOS, 2016, p.2).

O argumento de autoridade é reafirmado o tempo todo na narrativa. Primeiramente, pelo próprio bonzo, denominado *homem sábio*, depois por Languru, Patimau e demais personagens. Todos se proclamam como especialistas em um determinado assunto, já que o estudo de anos a fio, o qual alegam, justifica as conclusões obtidas. O desnarigamento dos enfermos de Fuchéu é a concretude de que o “saber é poder”, mesmo que o “saber” seja o de enganar. A autoridade do “saber”, como pontua Machado (2017), impossibilita à massa comum de ter contato com um conhecimento que caminhe em direção à totalidade, dado que o seu alcance está nas mãos de poucos que têm o privilégio de manipulá-lo da maneira que lhes convém e para a satisfação própria.

Com base no pomadismo e nas explanações precedentes, resta-nos assumir que a realidade, tal como ela se *representa*, é a aparência. Essa constatação está refletida na crítica machadiana quanto à degeneração das relações humanas e às estruturas sociais de sua época. A existência das suas personagens configura-se como aparência, enquanto a essência do Eu se mutila para obter realização tão e somente pela opinião do Outro. Essa anulação do Eu conflui no sentido de criar a realidade fantasiosa que nos cerca (Machado, 2017).

Para finalizar este capítulo, faz-se oportuno trazer a reflexão de Caixeta (2013): se existe uma cortina que encobre a realidade concreta, e é das aparências que Machado de Assis

capta o meio que o cerca (as relações humanas e instituições sociais), para compor as suas narrativas, esta não é realista, conseqüentemente, não se trata da realidade, mas de uma apreensão do falso. Será possível reconhecer a essência? Machado, que foi um grande desvelador da natureza humana, como complementa a pesquisadora, não se propõe a solucionar tal questão, opta, antes, por mostrar ao leitor, por meio da verossimilhança externa, o que julga aparente e o que se aproxima da realidade, ou da essência. Aliás, é ao leitor que Machado entrega o veredicto, creditando-lhe, assim, a responsabilidade crítica das conclusões acerca das situações apresentadas – matiza-se, assim, o papel do escritor de trazer as provocações para tal.

É dessa constatação que podemos pensar o porquê de as personagens machadianas serem tão contraditórias em suas ações. Não podendo captar de todo a essência, Machado impõe-lhes esse caráter ambíguo, em que urge uma luta constante para frear as forças interiores que os perseguem, a essência, e existindo para as forças externas, a aparência.

3. O POMADISMO EM TEMPOS DE *FAKE NEWS*

Neste capítulo, o pomadismo de *O Segredo do Bonzo* é explorado à luz do problemático fenômeno das notícias falsas (*fake news*) veiculadas nas redes sociais no contexto da pandemia de Covid-19. Com essa associação, objetiva-se compreender como a desinformação e a mentira nos ambientes virtuais contribuem para a construção de múltiplas realidades. Dessas análises, assumimos que estamos diante de novas práticas pomadistas, as quais deram origem ao que se pode denominar de “neopomadismo”.

Registros evidenciam que a humanidade sempre se valeu de falsos argumentos para tornar real o que, na verdade, não existe (SANTANA, 2019, p.02). Dessa forma, o termo *fake news* (em nosso idioma “notícias falsas”) configura uma forma de manutenção e também um *upgrade* de práticas antigas. Relaciona-se à qualquer informação não verídica (mentirosa/falseada) divulgada em meio digital com a finalidade de desinformar. O termo tornou-se popular, sendo utilizado, muitas vezes, de forma generalizada e imprecisa. Devido à sua complexidade, envolve diferentes elementos que caracterizam a desinformação, os quais abarcam as motivações de quem as cria; as formas como estão sendo disseminadas e os diferentes tipos de conteúdo por elas compartilhados (LIMA; et al, 2020).

Em 2017, o termo *fake news* foi eleito como “palavra do ano” pela editora britânica Collin. Na mesma categoria, foi destacada a expressão pós-verdade (*post truth*) pelo Dicionário de Oxford. No verbete britânico, pós-verdade “denota circunstâncias nas quais fatos objetivos têm menos influência para definir a opinião pública do que o apelo à emoção ou crenças pessoais”. O prefixo *pós* (do latim *post*) significa “depois”, portanto “depois da verdade”. O vocábulo, no entanto, não aponta somente para um tempo seguinte a algum evento, mas também para a irrelevância/desimportância da verdade no atual contexto.

Os termos *fake news* e pós-verdade relacionam-se não apenas pela notoriedade adquirida por meio de tais “premiações”. Rodrigues (2018) define as *fake news* como um subproduto da pós-verdade. A disseminação das *fake news* referendam crenças pessoais, as quais, no discurso da pós-verdade, correspondem a uma suspensão completa de referência a fatos e verificações objetivas, substituídas por opiniões tornadas verossímeis apenas à base de repetições, sem confirmação de fontes (DUNKER, 2017, p.38) Além disso, relacionam-se ao atual momento da história em que a informação circula a alta velocidade:

Ao juntar os termos “sociedade” e “informação”, tem-se o conceito de “sociedade da informação” [...] O expressivo fluxo de informações é um dos principais elementos que caracterizam e moldam a vida social atual. A informação é onipresente e essencial para o corpo social na medida em que produz novas formas de sociabilidade e integra e conecta toda sociedade por meio da propagação de notícias e do conhecimento (OLIVEIRA; ALMEIDA, 2021, p.01.).

A informação é ponto central da contemporaneidade e, como tal, recurso de poder (SILVA, 2001), capital que constitui a construção do conhecimento por quem a detém e controla. O potencial de circulação de informações no século XXI é tamanho que não parece mais existirem fronteiras espaço-tempo. Para termos uma dimensão evolutiva dos recursos tecnológicos de comunicação com o aparecimento da internet, podemos pensar que, quando a *Peregrinação* foi publicada (século XVI), embora a imprensa já houvesse sido inventada, o fenômeno que vivenciamos era algo inconcebível. Na sociedade portuguesa de Mendes Pinto, o acesso à informação era privilégio de uma elite intelectualizada. Além da linguagem oral, os livros (manuscritos em geral) eram os principais meios de disseminação de informações e de conhecimento. Como eram onerosos, não chegavam às camadas populares. Aliás, o impedimento era maior, uma vez que grande parte da população portuguesa sofria com o analfabetismo. Mesmo no final do século XIX, aproximadamente 76% eram analfabetas (SILVA, 1992). No Brasil colônia, na mesma época, da população livre, contabilizada em

8.419.672 habitantes, um total de 5.579.945 eram analfabetos (excluindo os menores de 5 anos), ou seja 78,11% da população (apud FREIRE, 1989, p. 116).

Como a informação não chegava à maioria, era a minoria que a manejava de forma arbitrária. As crônicas de viagens revelam tal sistema, pois, se por um lado exerciam papel fundamental para o conhecimento de novos mundos, em seu lado obscuro, relatos com informações distorcidas e manipuladas pela visão eurocêntrica dos viajantes contribuíram/em para a criação de mentiras, preconceitos e estereótipos contra povos e culturas. O reconhecimento de tais relatos, como fonte histórica e científica, legítima e conserva intolerâncias que se perduram no tempo.

De lá para cá desenvolveram-se novas formas de distorção da realidade e, por conseguinte, outras possibilidades de versões paralelas da realidade. Os neopomadistas da era da informação conseguiram, então, sofisticar as suas estratégias, ao mesmo tempo que mantiveram a essência da retórica manipuladora e egoísta denunciada por Machado de Assis. Se no tempo de Mendes Pinto (personagem machadiano) era necessário reunir, presencialmente, grupos formados por centenas de espectadores, a exemplo dos oradores de Fuchéu, para disseminar as mentiras da doutrina, na “sociedade das plataformas” (VAN DIJCK, 2019) a velocidade e o imediatismo do fluxo de informações alcançam milhares de pessoas em instantes, sem a necessidade de peregrinar, bastando somente estar conectado.

No ciberespaço, os neopomadistas podem criar todo tipo de factóide, inclusive em relação às suas próprias identidades, já que são livres para adotar perfis falsos e disseminar informações inverídicas. No campo fértil das redes sociais, composto por uma audiência de milhões de usuários, esses novos farsantes regozijam-se em êxtase. Fabricam e proliferam informações falsas copiosamente. Sabem que, ao distribuí-las repetidamente, terão maior possibilidade de alcançar um público maior, o qual comprando-as como verdade, poderão compartilhá-las com mais e mais pessoas, resultando em um ciclo infundável de promoção da desinformação.

3.1 OS NEOPOMADISTAS DA PANDEMIA DE COVID-19

Na história recente, a pandemia de Covid-19 escalonou as *fake news* ao seu máximo de visibilidade. Durante o período de isolamento social, fomos bombardeados com notícias e conteúdos sobre o novo vírus. Nas mídias sociais circulava todo tipo de boatos, especulações

e informações imprecisas (muitos com caráter desinformativo). A disseminação foi tamanha que a gerente de mídias sociais, Alexandra Kuzmanovic, declarou que as *fake news* estavam se espalhando mais rapidamente do que o próprio SARS-Cov-2. Reforçando tal afirmação, a Organização Mundial da Saúde (OMS) chegou a caracterizar esse momento como “infodemia”, expressão cunhada para denotar a “superabundância de informações veiculadas nos meios de comunicação. Dessas declarações, pode-se concluir que o mundo conviveu com duas pandemias simultaneamente, a do coronavírus e a das *fake news* sobre o coronavírus.

Durante o surto da Covid-19, os neopomadistas fabricaram e divulgaram inúmeras *fake news*. O relatório final da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) da pandemia confirma a existência de uma organização estruturada e dividida em núcleos para atuar na disseminação de desinformação (BRASIL, 2021, p.667, apud. BEZERRA et al, p. 323, 2022). O montante dos conteúdos falsos resultou em uma onda de negacionismos a nível mundial. Primeiramente, quanto à existência do vírus, depois em relação à gravidade da doença e, por consequência, acerca da sua letalidade. Em seu auge, até as instituições de saúde global e a própria ciência caíram em descrédito.

Uma pesquisa realizada pela Escola Nacional de Saúde Pública (Ensp/Fiocruz) revelou que, em maio de 2020, 24,6% dos brasileiros afirmavam que a Covid-19 era uma estratégia política. Tal argumento foi defendido pelo, até então presidente estadunidense, Donald Trump, que politizou a situação desde o princípio, qualificando a Covid-19 como “vírus chinês”. Rumores nas redes sociais alegavam ser o “surto um esquema de controle populacional” (ISLAM et al, 2020, p. 1626). A percepção sobre a gravidade da doença foi minimizada por outras lideranças mundiais, como pelo ex-presidente brasileiro Bolsonaro, que a denominou como “gripezinha” e “resfriadinho”³. Apesar disso, tratamentos e curas milagrosas contra o vírus se espalharam rapidamente. Neopomadistas de todos os lugares passaram a sugerir ou, literalmente, prescrever medicações (sem comprovação de eficácia científica contra o vírus), além de receitas caseiras contra o SARS-Cov-2 como, por exemplo, “beber urina de vaca e esterco de vaca”, “usar meias quentes, adesivos de mostarda e espalhar gordura de ganso no peito”, “gargarejar vinagre e água de rosas ou vinagre e sal para matar o vírus na garganta” (ISLAM et al, 2020, p. 1626). Essas publicações destinadas a desinformar foram, em algumas ocasiões, mascaradas como sendo apoiadas em evidências científicas. Um estudo desenvolvido por Galhardi *et al* (2020) com o aplicativo *Eu fiscalizo* mostra que:

³ No presente ano, o Brasil acumula um número superior a 38 milhões de casos confirmados de Covid-19. Mais de 700 mil vidas foram dizimadas pela doença (Fonte: Coronavírus Brasil).

26,6% das fake news publicadas no Facebook apontam a Fiocruz como orientadora de receitas caseiras para proteção contra o novo coronavírus. E 71,4% das mensagens falsas circuladas pelo WhatsApp citam a Fundação Oswaldo Cruz como fonte de textos com orientações de medidas de proteção caseiras para eliminar o vírus (GALHARDI *et al.*, p. 4208, 2020).

Depreende-se desses dados que, para persuadir e conseguir a adesão de mais pessoas a determinados tratamentos, os neopomadistas permanecem empregando o argumento de autoridade. Para isso, vinculam as suas *fake news* a instituições de saúde, associando-as a discursos científicos para ganhar legitimidade. Em alguns casos, espontaneamente, autoridades que gozam de reconhecimento social, como profissionais da saúde, líderes políticos e religiosos, participaram dos núcleos de desinformação da pandemia. Com atitudes pomadistas, impuseram enormes desafios para o tratamento da Covid-19, inclusive, foram contrários a imunização (SILVA *et al.* 2023). Atuações negacionistas — somadas ao engajamento de fake news — que alegavam, entre outras coisas, a existência de *microchips* nos imunizantes, influenciaram parte da população brasileira a não se vacinarem, aumentando o risco de desenvolverem formas mais graves da doença. No Brasil, uma pesquisa liderada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) passou a monitorar o aumento de ecossistemas de grupos antivacinas, alimentados por desinformação e por teorias conspiratórias acerca dos imunizantes produzidos contra o coronavírus.

Os fatos mencionados acima não pretenderam esgotar as manobras desinformacionais durante a pandemia do coronavírus. Serviram antes para mostrar como os neopomadistas atuam em qualquer área social, com o intuito de deturpar a realidade. As novas tecnologias digitais foram o meio para tal. Aproveitadores por natureza viram, nesse momento de crise, incerteza e medo, um cenário ideal para impor as suas mentiras. Conscientes de tal situação e alçados pela velocidade dos disparos de *fake news* nas redes sociais, as quais permitem um sofisticado mascaramento das autorias por meio de perfis *fakes*. Aos olhos e ouvidos de uma ampla plateia é que os neopomadistas da pandemia agiram, provocando, assim, danos irreparáveis à saúde pública.

É provável que os pomadistas machadianos se surpreendam com a perniciosidade criminosa de tais feitos por parte de seus contemporâneos. Em um tribunal, poderiam alegar inocência, já que as suas *fake news* não atentaram contra o bem-estar alheio. O alpaqueiro apenas consegue um maior volume de vendas da sua mercadoria, Mendes Pinto proporciona um musical e não se culpabiliza pelo seu público não julgar bem como se deveria tocar uma charamela, enquanto Diogo Meireles cumpre bem o seu ofício de médico, aparentemente

curando os doentes de Fuchéu, dando-lhes o nariz metafísico. Porém, se aceitarmos tal defesa, estaremos, como os moradores de Fuchéu, perdendo todo o senso de realidade e deixando que os mentirosos e manipuladores determinem o curso de nossas vidas. Em situações mais graves, como ocorreu durante a pandemia de Covid-19, a aceitação da mentira decidiu sobre a sobrevivência e a perda massiva de vidas humanas⁴.

3.2 NEOPOMADISMO E A CONSTRUÇÃO DE REALIDADES PARALELAS

Quantas realidades “convenientes” são criadas e reforçadas pelas redes sociais? Para responder a este questionamento, faz-se necessário recuperar a conclusão da doutrina pomadista, que nos diz que, entre as duas existências paralelas - existir na realidade e existir na opinião - “a única necessária é a da opinião [...] a da realidade é apenas conveniente” (ASSIS, p.122, 2007). Compreende-se que o bonzo reconhece a existência de duas realidades: a primeira é a da opinião, a qual, na narrativa, é alimentada pelo charlatanismo das experiências pomadistas. Além disso, o doutrinador reconhece que a sua doutrina se alicerça na farsa e que existe uma realidade mascarada pela mentira. Porém, essa realidade parece ser desinteressante para os propósitos do pomadismo. Há o anseio pela glorificação do Eu pelo Outro. Antes é necessário apelar para o discurso do absurdo e do fantástico para obter a consagração do ego.

Na dinâmica das redes sociais é comum que o absurdo continue sendo o centro das atenções em detrimento dos fatos, como o foram as *fake news* do coronavírus. A problemática das aparências se exacerbou. Modos de vida e personas⁵ tão artificiais quanto o nariz metafísico são expostos em espécies de vitrines (perfis de redes sociais) com a finalidade de ganhar curtidas, seguidores, admiradores, entre outros. Na vida on-line, a falsificação do *Eu*

⁴ Rumores, estigma e teorias da conspiração têm o potencial de diminuir a confiança da comunidade em governos e agências internacionais de saúde. Por exemplo, um mito popular de que o consumo de álcool altamente concentrado poderia desinfetar o corpo e matar o vírus estava circulando em diferentes partes do mundo. Após essa desinformação, aproximadamente 800 pessoas morreram, enquanto 5.876 foram hospitalizadas e 60 desenvolveram cegueira completa após beber metanol como cura do coronavírus. Rumores semelhantes foram a causa relatada de 30 mortes na Turquia. Da mesma forma, no Catar, dois homens saudáveis do sul da Ásia ingeriram desinfetante de superfície ou desinfetante para as mãos à base de álcool após exposições a pacientes com COVID-19. Na Índia, 12 pessoas, incluindo cinco crianças, ficaram doentes depois de beber bebidas alcoólicas feitas a partir de sementes tóxicas *Datura* (planta ummetta, no jargão local) como cura para a doença causada pelo coronavírus. As vítimas teriam assistido a um vídeo nas redes sociais em que as sementes de *Datura* dão imunidade contra a Covid-19 (ISLAM *et al.* 2020, p. 1626).

⁵ “Persona” como termo utilizado na psicologia analítica, é uma máscara irreal vestida pelo indivíduo para a adaptação aos conteúdos socialmente aceitos e almejados. No momento em que os usuários da rede mundial dos computadores assumem um papel e um personagem, através do desejado ser espelhado que almejam, criam uma identidade para navegar na internet (FARIAS; MONTEIRO, 2012).

configura um exemplo de realidade paralela. Em plataformas, como *Facebook*, *Instagram* e *WhatsApp*, a realidade não é somente aquela que está oculta pela mentira, porque não existe uma única realidade, mas variadas, e ambas reivindicam o título de verdade.

Nesses ambientes, a realidade pode ser múltipla porque não obrigatoriamente está ancorada em fatos objetivos, ou seja, naquilo que acontece. O “real” se faz pelo que é capaz de ser simulado e reproduzido. A representação, como já apontou e denunciou Machado de Assis, permanece, desse modo, precedendo a realidade concreta. A instituição de várias realidades, ademais, “se concebe como um matrimônio entre as ferramentas digitais e a pós-verdade” (LABATTE; ARRUETA, 2017).

A percepção do que é ou não verídico pode ser manipulada recorrendo, por exemplo, às emoções e crenças pessoais, 'cegando' a percepção dos fatos – ou melhor, conduzindo ao mundo da pós-verdade (GOMES *et al.* 2020, p. 3).

É quando se vê guiado por suas emoções e crenças que o sujeito tende a ser seletivo com as informações que recebe, rejeitando aquilo que for oposto ao que acredita. Estudos na área da psicologia social afirmam que existem mecanismos mentais que nos leva a “privilegiar informações que estejam de acordo com nossas crenças pré-estabelecidas, pouco importando se tais informações são verdadeiras ou não” (CARVALHO, 2019), o que se denomina “viés de confirmação”. As *fake news*, portanto, só reforçam algo que o indivíduo já acreditava anteriormente. Graças aos algoritmos presentes nas redes sociais, a seletividade e o reforço de crenças pessoais são facilitados.

Os algoritmos são espécies de filtros digitais que personalizam o que será entregue ao usuário. Eles padronizam e delimitam conteúdos conforme os interesses de um dado perfil. Por sua vez, o usuário também detém certo controle sobre os conteúdos que recebe, já que pode bloqueá-los, uma vez que não correspondem aos seus posicionamentos. Como consequência dessa demarcação de informações e perfis, temos o que se denomina “efeito bolha”, o que, segundo Machado e Miskolci (2019), na atualidade, constitui-se como a “bolha de opinião”. A premissa dessas bolhas é a formação de grupos sociais digitais em que todos expressam ideias semelhantes.

Enquanto reféns de algoritmos, isolados dentro de bolhas unilaterais, somos estimulados a crermos somente na realidade que nos é apresentada e que nos é palatável. Quando recebemos informações que confirmam as nossas crenças automaticamente rejeitamos tudo o que rompe com nossos hábitos (de pensar diferente), criando nossas próprias bolhas para não mudar nossos modos de agir (SANTAELLA. *et al.* 2022, p. 493).

É no interior das bolhas de opinião que os neopomadistas conseguem edificar quantas realidades paralelas forem necessárias, desde que sejam convenientes as ideias e as convicções do seu público-alvo (e, às vezes, convenientes às suas próprias concepções de “real”), assim como concretize os seus interesses (louvor e lucro). No excesso de “realidades”, que, em regra, não se confrontam, devido às bolhas, vemo-nos naufragados em uma ilha de incertezas, isolados cada um em seu próprio mundo, cada vez mais individualistas e inflexíveis. Com esse descolamento do real, ancorado no factual, perde a humanidade, que se vê impelida aos perigos da polarização e dos radicalismos. Além disso, a ausência de diálogo empobrece e fragiliza os ideais democráticos.

4. EM SALA DE AULA: MACHADO, UM TRADUTOR DA CONTEMPORANEIDADE

Considerando a atemporalidade estética e histórica de Machado de Assis, para este capítulo, abordamos a dialética do local e universal sugeridas em sua escrita, bem como a importância da formação crítica do leitor com base na leitura machadiana. A partir dessas exposições, desenvolveu-se uma sugestão de proposta educativa para trabalhar com alunos do ensino médio, tendo como material didático central o conto *O segredo do Bonzo*, o qual será referência para se discutir o tema das *fake news*.

Machado de Assis, mesmo tratando de temas longínquos, no tempo e no espaço, como dito pelo próprio autor mais de uma vez ao expor suas ideias acerca dos fundamentos da arte, consegue dar um passo adiante tanto na forma de tratamento do conteúdo social selecionado, como na exposição de um fato da vida social (MACHADO, 2017, p.63). O bruxo do Cosme Velho⁶ era, sem dúvida, um homem de seu tempo, soube, como ninguém, captar o legado da miséria humana e a situação histórica do Brasil. Como também foi tradutor, Machado parece ter transferido as habilidades adquiridas no ofício para traduzir o *status quo* da sociedade brasileira oitocentista.

Em sua escrita multifacetada, permeada pela ironia e pelo bom humor, sem tomar um partido direto, esmiuça a farsa e a superficialidade da classe dominante de sua época e o horror de uma nação erigida pela escravidão. As suas personagens denunciam a deplorável condição de tipos sociais vaidosos e egoístas, movidos pela dubiedade do “ser e do não ser”,

⁶ Machado de Assis ficou conhecido pelo epíteto “bruxo do Cosme Velho” após a publicação do poema “A um bruxo, com amor”. O poema foi escrito por Carlos Drummond de Andrade e faz menção a rua do Cosme Velho, onde Machado de Assis residia no Rio de Janeiro.

no sentido da afirmação social de si e da subsequente chancela de outrem Fascinado pela obra de Shakespeare, Machado situa o seu leitor continuamente em uma peça teatral. Ao adentrar as narrativas machadianas, esse leitor assiste às encenações da vida social. O seu papel, como espectador, assemelha-se ao da personagem Cláudio, da obra trágica *Hamlet*. Na berlinda, impactado e desestabilizado, reconhece-se réu. Quando desmascara a nossa culpa e nos “põe nu diante de si e do espelho” (SOBRAL, 2019, p.10) é que Machado se torna nosso íntimo, uma voz contemporânea, a exemplo do que enceta em outro notório conto de sua autoria: “O espelho”, constante na mesma coletânea, na qual está “O segredo do Bonzo”.

Além da reconhecida intertextualidade de Machado com grandes escritores, uma das explicações para a sua posteridade é esboçada por Roberto Schwarz, no ensaio *Que horas são?*, e por Antônio Cândido, na obra *Formação da literatura brasileira*. Para ambos os críticos, o escritor realista segue o cruzamento dialético do local e do universal. Tal operação dialética reside na compreensão de uma literatura que aponta, ao mesmo tempo, para questões que alcançam tanto a realidade brasileira (nacional) em suas singularidades quanto se voltam a questões de interesse de toda a comunidade humana (universal).

Uma certa crítica à obra Machado já viu no escritor somente as preocupações com questões mais gerais, entendendo que o autor de Papéis avulsos deixou ao largo os problemas da jovem nação brasileira. A visão mais moderna tratou de reavaliar esse julgamento, considerando Machado, um escritor que, não tratando “naturalisticamente” dos problemas de seu país, ou seja, não reduzindo a termo aquilo que era mais evidente e se colocava de forma mais urgente na ordem do dia, foi justamente o mais brasileiro dos escritores, uma vez que pôde enxergar o núcleo do conflito entre os membros de uma determinada sociedade do século XIX, não reduzindo seus personagens a qualquer dimensão, em especial à nacional (MACHADO, 2017, p. 133).

Em análises superficiais da obra machadiana, a questão nacional pode passar despercebida, uma vez que o escritor não oferece respostas tão explícitas ao leitor sobre esse horizonte social e geopolítico. As suas personagens, tendo como pano de fundo os bairros cariocas, retratam a singularidade da cultura brasileira, e apesar da “preferência” por rerepresentar personagens burgueses, a narrativa machadiana “não se distancia da realidade de uma nação periférica no século XIX, repleta de contradições” (MACHADO, 2017, p. 133). Na verdade, ele pormenorizava e apurava a dimensão não-burguesa da existência burguesa no Brasil (SCHWARZ, 1991 p.61). No entanto, o bruxo do Cosme Velho não se limita a manifestar o local. A sua obra literária vai muito além da ilustração do fenômeno das aparências sociais, pois traduz elementos psicológicos, filosóficos, históricos e sociais. Desse modo, vai ao encontro da essência irradiadora dessas questões. Machado busca captar a natureza humana em suas mais diversas contradições e incoerências, perpassadas pelos

problemas gerais da humanidade. O resultado disso é a consagração de um escritor que redefine o passado, define o presente e indica o futuro (PEREIRA, 2007, p. 62).

A permanência e a redescoberta das temáticas de Machado de Assis reforçam o caráter universal e complexo dos clássicos da literatura e de como estes se transformam e se moldam a novas possibilidades de leitura e de leitores. O neopomadismo em tempos de *fake news* configura um exemplo de como (apesar das atualizações) estamos, em pleno século 21, infelizmente, repetindo a mesma história. Como leitores de Machado de Assis, o que se espera é que nos coloquemos, a seu modelo, como sujeitos de nosso tempo, capazes de apreender o real apesar do artil estratégico e impositivo de disfarces.

4.1 DA LEITURA MACHADIANA PARA A FORMAÇÃO CRÍTICA DO LEITOR

Viu-se que, sem questionamentos e de forma passiva, os nativos de Fuchéu saudavam e colocavam em pedestais os farsantes da doutrina do bonzo Pomada. A priori, nós, contemporâneos, poderíamos ficar admirados com a ingenuidade por parte dos primeiros ao acreditarem nos discursos nada verificáveis dos últimos, caso já não estivéssemos cientes de que, com as *fake news*, flagramo-nos na mesma armadilha. Para além do que já foi exposto acerca do que impele e mantém o indivíduo crente e afeito a determinadas ideologias, faz-se necessário refletir sobre possíveis mecanismos de superação da alienação social.

A alienação social constitui fator que pode explicar a incapacidade do pensamento, independentemente da massa do reino do Bungo. A etimologia do vocábulo “alienação” vem do latim *alienus* e significa “alheio”, “o que pertence a um outro”. No domínio estritamente filosófico, comum a filósofos como Hegel e Marx, “a alienação refere-se, fundamentalmente, a uma espécie de atividade na qual a essência do agente é afirmada como algo externo ou estranho a ele, assumindo a forma de uma dominação hostil sobre o agente” (WOOD apud SERRA, 2008, p. 05). O indivíduo que não se reconhece como parcela formadora da sociedade, sujeito político, acaba por transferir a titularidade dessas funções a *outrem*.

O processo de alienação social se configura como o oposto da consciência e do pensamento crítico, ambos traços presentes na literatura machadiana. A escrita do autor impõe a participação ativa do leitor na construção do enredo. O leitor é personagem, figurando onipresente na obra de Machado de Assis, e, conforme aponta Iser (1996), deve estar apto a seguir as “pistas do texto”. Essa habilidade é requerida, visto que não nos são dadas,

gratuitamente, as respostas aos conflitos constantes na narrativa. À semelhança de como caracterizou a sua personagem Capitu, Machado de Assis nos entrega antes uma narrativa “oblíqua”, porquanto sempre aparenta estar observando os acontecimentos de forma indireta, conferindo-lhes um caráter enigmático, daí o elemento das “pistas”. Por meio da ironia e do humor, “dissimula” as verdadeiras intenções do texto. O que pretende com essas estratégias é que o seu leitor não saia isento do contato com o texto, que vasculhe a verdade por trás da mentira, o real por debaixo da ilusão, desconfiando das falas das suas personagens, das certezas por elas impostas. Afinal, será mesmo que Capitu traiu Bentinho? Até hoje não se encontrou um consenso sobre essa questão - e, talvez, seja esse mais um dos propósitos da obra machadiana: desafiar-nos a pensar criticamente de forma contínua e sempre visitar as nossas certezas sobre as coisas do mundo e acerca de nós mesmos.

A defesa do desenvolvimento de uma mente crítica possibilita que o indivíduo tenha autonomia na tomada de decisão. A habilidade da criticidade é um dos mais importantes meios de enfrentamento das *fake news* e da pós-verdade.

Ter um pensamento crítico é colocar aquilo que lhe é apresentado à prova, sob um prisma em que se discuta o que está sendo apresentado não de forma autoritária e sem bom senso, mas considerando todas as perspectivas. Ter um pensamento crítico é ser questionador, mas com a mente aberta a aceitar aquilo que os fatos e a ciência estabelecem (PRAIA, GIL-PÉREZ e VILCHES, 2007, apud OLIVEIRA; HERRERA, 2022, p. 11).

De certa forma, ser crítico equivale a desempenhar o papel de um juiz. Essa ideia é defendida por Sobral (2019), cujo ensinamento é que, como sujeitos sociais, somos “condenados” a julgar e sermos julgados. Pôr em julgamento o que vemos, lemos e ouvimos equivale a uma atitude científica semelhante à de um magistrado, uma vez que este jamais deverá dar a sua sentença fora do campo dos fatos objetivos, por isso, buscará as evidências para tal.

Vista dessa maneira, a literatura machadiana, que nos ajuda a pensar criticamente o nosso ser-estar histórico no mundo, pode evitar que conteúdos mentirosos se espalhem, assim como desestimulará atuação de neopomadistas em nosso contexto social. No que atinge mais especificamente a pós-verdade, a habilidade do pensamento crítico machadiano nos prepara, inclusive, para aceitar e entender que podemos nos enganar, e que esse reconhecimento é fundamental para a mudança e para deixarmos as nossas “bolhas”. Ademais, a contribuição do autor com a formação crítica do leitor, por meio dos temas da realidade, estimula o que Freire (1989) assinala como “a leitura do mundo”, a qual deve preceder a leitura da palavra. Assim, o leitor crítico é aquele que previamente aprendeu a compreender o mundo ao seu redor.

Como resultado disso, será capaz de dominar a própria palavra. Sabendo dizê-la, não aceitará quaisquer palavras tão facilmente.

Por tudo o que foi dito, o *educar* de Machado de Assis para com o leitor, embora não seja formal, já que ele não desempenhou diretamente o ofício de professor, não exclui o valioso papel educativo e educador de suas obras literárias. Portanto, o legado de sua escrita cumpre exatamente com a função humanizadora da literatura, a qual Cândido (1989) se refere, que é, entre outras, formadora de consciências humanas críticas, mais abertas para as transformações individual e social.

4.2 UMA PROPOSTA EDUCATIVA NADA POMADISTA

Inspirada nas reflexões anteriores é que se vislumbrou a ideia desta proposta educativa destinada aos estudantes do ensino médio. O objetivo primeiro desta é o fomento à leitura e à recepção crítica/analítica do leitor face à diversidade de gêneros textuais, tanto em ambiente virtual como fora dele, incluindo àqueles que veiculam *fake news*. Para esse fim, como ponto de partida, será analisado o conto *O Segredo do Bonzo*, de Machado de Assis seguido da exploração de gêneros do campo jornalístico-midiático. Como objetivos secundários, mas igualmente relevantes, salientamos o papel da escola para o debate do fenômeno das *fake news* e para a promoção dos letramentos literário e digital.

O letramento literário acontece “enquanto construção literária dos sentidos do texto” (PAULINO; COSSON, 2009, p. 67). Essa construção deve transcorrer em diálogo entre o texto, o autor, o contexto e o leitor. O último se indaga e indaga ao texto sobre quem, o que diz, o porquê, o como diz e para quê ou quem diz. Quando busca as respostas, o leitor se abre para o contexto e para o intertexto, em outras palavras, para o seu repertório de mundo, o qual o auxiliará na formação do repertório literário. Cosson (2009) enfatiza o letramento literário como uma prática social, cuja responsabilidade dos sistemas de ensino em “escolarizar a literatura” não pode se resumir à exigência da leitura de uma obra literária pelo aluno com a finalidade única de resolver questões de uma prova ou de uma ficha de leitura. Essa postura não formará leitores extraclasse. Em oposição a isso, a escola necessita ensinar a ler. A formação do leitor relaciona-se com a capacidade de aproveitar o seu conhecimento prévio para fazer conexões com o texto literário.

Por sua vez, o letramento digital extrapola o que se entende pelo domínio de habilidades e técnicas em leitura e escrita em ambiente virtual. O caráter de seu aprendizado em sala de aula tal como o letramento literário necessita ser situado. Apesar de importante ferramenta no contexto educacional, a simples inserção das novas tecnologias em sala de aula não garante por si só o letramento digital do aluno. É preciso compreender por meio da interação com o educando como ele está atribuindo sentido às informações recebidas e compartilhadas via internet. A partir disso, a escola, por meio do papel do educador, deve mediar o desenvolvimento de habilidades para que o aluno e cidadão em formação saiba lidar com as múltiplas possibilidades presentes no ciberespaço, sendo que a reflexividade, o uso crítico e autocrítico precisam ser as demandas fins desse processo. Nesse sentido, a associação do conto machadiano *O Segredo do Bonzo* com a atualidade das *fake news*, exemplifica a importância de uma leitura significativa, a qual o leitor se identifica. Enquanto viaja no enredo do conto, é capaz de o situar no seu próprio mundo. É nesse mundo - local de experiências neopomadistas - que os letramentos, aqui abordados, assumem tamanha importância tanto para a autonomia crítica do indivíduo quanto para o combate necessário às *fake news*.

4.3 DESCRIÇÃO DAS ETAPAS DA PROPOSTA

Tema da aula: Uma experiência nada pomadista

Público-alvo: ensino médio

Duração: 4 a 5 aulas

Habilidades:

(EM13LGG102) Analisar visões de mundo, conflitos de interesse, preconceitos e ideologias presentes nos discursos veiculados nas diferentes mídias, ampliando suas possibilidades de explicação, interpretação e intervenção crítica da/na realidade (BNCC, 2017, p. 491).

(EM13LGG704) Apropriar-se criticamente de processos de pesquisa e busca de informação, por meio de ferramentas e dos novos formatos de produção e distribuição do conhecimento na cultura de rede. (BNCC, 2017, p. 497).

(EM13LP39) Usar procedimentos de checagem de fatos noticiados e fotos publicadas (verificar/avaliar veículo, fonte, data e local da publicação, autoria, URL, formatação;

comparar diferentes fontes; consultar ferramentas e sites checadores etc.), de forma a combater a proliferação de notícias falsas (fake news) (BNCC, 2017, p. 521).

Competências:

Mobilizar práticas de linguagem no universo digital, considerando as dimensões técnicas, críticas, criativas, éticas e estéticas, para expandir as formas de produzir sentidos, de engajar-se em práticas autorais e coletivas, e de aprender a aprender nos campos da ciência, cultura, trabalho, informação e vida pessoal e coletiva (BNCC, 2017, p. 490).

1. O despertar para a leitura do conto

A práxis desta proposta educativa inicia-se a partir da comunhão entre o texto literário, isto é, o conto machadiano *O Segredo do Bonzo*, e o leitor. Esse objetivo se efetua com o despertar prévio do aluno para a leitura. Com esse intuito, o professor escreve no quadro branco (lousa) alguns “indícios” do texto, que consistem em palavras, como “opinião”, “realidade”, “pomada”, “bonzo”. A partir disso, deve-se questionar os discentes sobre o que entendem por cada um dos vocábulos. Esse exercício de reflexão pode ser realizado em pequenos grupos. A partir da interação e das respostas fornecidas pelos grupos de alunos, o professor instiga um debate, sem, contudo, fornecer os conceitos. Diante da condução da discussão em sala, será possível introduzir o conto machadiano, relacionando as palavras selecionadas com o seu enredo e, conseqüentemente, gerando expectativas para a sua leitura. Também é nesse momento que o professor fornece as informações básicas sobre o gênero conto, o autor e o seu contexto de produção literária.

2. Leitura dialógica

Posteriormente, o docente organiza a sala em uma roda e diz aos alunos que a escolha do texto machadiano foi proposital para o trabalho de uma temática específica da atualidade (no caso, as *fake news*) e que, durante a leitura, todos devem estar atentos para “desvendá-la”. É importante lembrá-los que as palavras-pistas oferecidas na aula anterior ajudarão na solução desse questionamento. Em seguida, com cópias ou com o texto projetado, o professor, em sua função mediadora, inicia a leitura compartilhada e dialógica do conto. Consoante as ideias de Rogoski *et al.* (2020), o objetivo da leitura dialógica é romper com o lugar silencioso do ouvinte na dinâmica da contação de histórias. É encorajá-lo a expressar sua fala,

a participar ativamente da construção dos sentidos da narrativa, indo, inclusive, além do seu conteúdo.

A fruição do texto por meio da atuação mediadora do professor deverá possibilitar aos discentes a capacidade para perceber a temática das *fake news* e das redes sociais através da doutrina pomadista. O debate aprofundado sobre o tema ao longo da leitura pretende levantar conhecimentos e experiências prévios dos alunos sobre o assunto, problematizando-os, de modo que, coletivamente, todos possam assimilar o que são, o porquê e as características das *fake news*.

3. Reconhecimento de fake news, opinião e fatos

A etapa anterior irá desembocar na abordagem de ferramentas e atitudes para o enfrentamento das *fake news*. Dessa forma, uma aula expositiva servirá para diagnosticar como os alunos estão lidando com as informações que recebem e compartilham na web e depois para a abordagem de meios de identificação e de enfrentamento das notícias falsas. Assim, primeiramente o professor pergunta aos alunos como eles diferenciam conteúdos verdadeiros dos conteúdos falsos. Na sequência, em contínuo diálogo com os alunos, apresenta as etapas de verificação da veracidade das informações em meio digital. Como materiais de consulta, sugerimos o documento intitulado “Muito mais que *fake news*, um guia prático para enfrentar a desinformação”, publicado no site unicef.org e/ou o infográfico desenvolvido pela Federação Internacional das Associações e Instituições Bibliotecária (IFLA), com oito passos para a identificação de *fake news* denominado “como identificar notícias falsas”. Para ilustrar as estratégias de enfrentamento à desinformação contidos nos documentos sugeridos, o professor analisa diferentes textos, os quais apresentem além de *fake news*, teor opinativo e científico, entre outros.

4. Dinâmica “investigação nada pomadista”

Na sequência das aulas, o professor desenvolve a dinâmica “uma experiência nada pomadista”. Esta atividade consiste na seleção e na impressão pelo professor de manchetes de notícias, memes, correntes de WhatsApp, reportagem, imagens da internet, twitter, entre outros, que apresentem exemplos de *fake news*, opinião e de notícias verdadeiras (fatos). Em sala de aula, organiza a turma em grupo de três a quatro alunos. Distribui-lhes o material impresso (dois ou mais por grupo de preferência de diferentes temas e gêneros). A prática da atividade tem caráter mobilizador da criticidade do aluno, pois o fará pôr em prática os conhecimentos adquiridos, seguindo as etapas de investigação, negando o caráter passivo do

receptor diante da informação e dos discursos alheios. Além da interação entre si, os grupos serão orientados a realizar pesquisas na internet de forma responsável, isto é, em sites confiáveis de checagem de notícias conforme preconiza a própria Base Nacional Curricular Comum BNCC):

A questão da confiabilidade da informação, da proliferação de *fake news*, da manipulação de fatos e opiniões tem destaque e muitas das habilidades se relacionam com a comparação e análise de notícias em diferentes fontes e mídias, com análise de sites e serviços checadores de notícias e com o exercício da curadoria, estando previsto o uso de ferramentas digitais de curadoria (BNCC, 2015, p. 136).

Após a investigação digital e a discussão colaborativa, os grupos apresentam:

- As narrativas acerca dos textos recebidos. Sobre o quê ou quem fala;
- As estratégias, dificuldades ou facilidades para a checagem dos dados apresentados;
- As conclusões da investigação, respondendo se o material recebido se trata de *fake*, opinião ou fato.

5. Produção textual

Como produto final da sequência didática, o professor pede aos alunos que produzam um texto opinativo com o seguinte tema: **“Penso, logo questiono: o enfrentamento ao neopomadismo do século XXI”**. É esperado que, ao final da sequência de atividades, os discentes sejam capazes de argumentar de forma sólida, apresentando os malefícios das *fake news* e da importância da leitura do conto machadiano para o despertar do senso crítico diante desse problema.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo dos apontamentos desta pesquisa, conclui-se que, em seu novo *modus operandi*, o neopomadismo vale-se do paradoxo de uma era, que, ao promover a democratização do acesso à informação, cria meios para a produção das *fake news*, um fenômeno que se concretiza pela propositada desinformação. O pressuposto dessa contradição é que o alcance da informação, por parte de mais pessoas, deveria promover a contenção de mentiras e de notícias falsas. No entanto, na sociedade da informação, uma linha cada vez mais débil separa fato de ficção.

De modo notável e incisivo, Machado já denunciava essa contradição ao final do século XIX quando o mundo sequer imaginava tamanho avanço tecnológico. Ao inventar a teoria pomadista em *O segredo do Bonzo*, evidencia os charlatões (adeptos da doutrina) retirando vantagens individuais com discursos aparentemente neutros, mas completamente tendenciosos. Em um plano macro, as suas ações moldam visões de mundo ilusórias e deturpadas da realidade. Além disso, o escritor nos faz refletir sobre a alienação do povo de Fuchéu, que parece desejar ser iludido. Para eles, é preferível ter um nariz que só existe na imaginação do que não ter nenhum. Essa breve sinopse interpretativa parece-nos muito familiar, justamente porque estamos em tempos explícitos de *fake news*. O absurdo das mentiras que circulam nas redes sociais se assemelha, em muito, à narrativa da obra machadiana.

Trazer Machado para os dias atuais mostra a relevância de sua obra para a compreensão de nós mesmos e a do contexto atual, afinal, são tempos extremamente complexos, em que a difusão de mentiras toma a forma de realidades paralelas, e, como consequência, o diálogo vem sendo, cada vez mais, desencorajado. Em sentido contrário, o escritor brasileiro nos encoraja a adotar uma atitude crítica frente a uma realidade fetichizada. Assim, ele nos instiga a nos tornar conscientes da farsa de uma sociedade erguida pelas aparências. Inconformados, quiçá, possamos efetivamente interferir nas estruturas sociais que perpetuam o pomadismo.

Como expressamos anteriormente, a desinformação sempre fez parte da história, sendo praticada desde a antiguidade. As *fake news* caracterizam uma sofisticada atualização do “contar mentiras”. Não podemos inferir que, ao combatê-las, estaremos extirpando, de uma vez por todas, a mentira. Seria fantasioso. Provavelmente novas formas de falsificar a realidade surgirão. Entretanto, é possível aprender com o olhar apurado e a consciência crítica de Machado de Assis, a educar as nossas crianças, jovens, bem como com a sociedade em geral, para lidar com a vastidão de informações desta era digital.

Como nunca, a escola em seu papel de formação integral do indivíduo deve ser atuante no debate sobre os fenômenos das *fake news* e da pós-verdade, visto que impactam diretamente na coletividade. Nessa perspectiva, deixo registrado, nesta pesquisa, um convite à ação, a qual se materializa por meio de uma proposta pedagógica sugestivamente denominada “nada pomadista”. A educadora, ou o educador, que deseje implementá-la deverá se ater às experiências dos estudantes, ser capaz de escutá-los e de direcionar os seus olhares distraídos para a dimensão crítico-política o que o gênio da literatura brasileira, Machado de Assis, com

as suas pupilas míopes, conseguiu enxergar e antecipar de maneira precisa e cirurgicamente admirável.

6. REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. 50 contos de Machado de Assis. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BOSI, A. Machado de Assis: O enigma do olhar (229 pp.). 1ªed. São Paulo, Ática, 1999.

BRASIL, Coronavírus. Painel Coronavírus. In: Painel Coronavírus: Covid-19. [S. l.], 12 jul. 2023. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em: 26 out. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde (MS). Orientações para retomada com segurança [Internet]. 2020. Disponível em: <https://coronavirus.saude.gov.br/orientacoes-para-retomada-com-seguranca>»<https://coronavirus.saude.gov.br/orientacoes-para-retomada-com-seguranca>. Acesso em: 19 out. 2023.

BRASIL. Senado Federal. Comissão Parlamentar de Inquérito da Pandemia. Relatório Final. Brasília, DF: Senado Federal, 2021. Disponível em: <https://legis.senado.leg.br/sdleg-getter/documento/download/fc73ab53-3220-4779-850c-f53408ecd592>. Acesso em: 26 out. 2023.

CAIXETA, Bruna Pereira. A literatura nacional do Machado de Assis escritor e crítico literário. Revista Alpha, Patos de Minas, n. 14, p. 9-17, 14 nov. 2013.

CANDIDO, Antonio. “O direito à literatura”. In: Vários escritos. São Paulo: Duas cidades; Ouro sobre azul, 1995, p. 169-91.

CANDIDO, Antonio. Formação da literatura brasileira. 2 v. 2. ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1975.

CANDIDO, Antonio. Vários Escritos. 4. ed. São Paulo: Ouro Sobre Azul, 2004.

CARVALHO, Davi. Por que as pessoas acreditam em fake news, segundo a psicologia social. In: Por que as pessoas acreditam em fake news, segundo a psicologia social. [S. l.], 25 jun. 2019. Disponível em: <https://www.blogs.unicamp.br/politicanacabeca/2019/06/25/fake-news-por-que-as-pessoas-acreditam-em-noticias-falsas-segundo-a-psicologia-social/#comments>. Acesso em: 2 nov. 2023.

CERVI, Emerson Urizzi. Líder de Opinião. In: GADINI, Sérgio Luiz e WOITOWICZ, Karina Janz (Orgs.). Noções básicas de Folkcomunicação: uma introdução aos principais termos, conceitos e expressões. Editora UEPG, 2007. p.39-43.

CORDEIRO, Marcos Rogério. A teoria dos personagens em Machado de Assis. *Revistas da USP Língua e Literatura*, [s. l.], v. 28, p. 273-301, 10 dez. 2006.

CORRÊA, Ana Laura dos Reis. "A metafísica do nariz". A sátira ao irracionalismo em um conto de Machado de Assis. Universidade de Brasília, [s. l.], 2022.

Dunker, C. (2017). Subjetividade em tempos de pós-verdade. In Christian Dunker (Org.). *Ética e pós-verdade* (pp. 9-41). Porto Alegre, RS: Dubinense.

FAPESP, Agência. Pesquisadores analisam avanço de grupos antivacina em plena pandemia. In: *Pesquisadores analisam avanço de grupos antivacina em plena pandemia*. [S. l.], 22 dez. 2020. Disponível em: <https://agencia.fapesp.br/pesquisadores-analisam-avanco-de-grupos-antivacina-em-plena-pandemia/34890>. Acesso em: 16 out. 2023.

FARIAS, Lídia; MONTEIRO, Taís. A identidade adquirida nas redes sociais através do conceito de persona. *Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação: XIX prêmio Expocom 2012 - Exposição da pesquisa experimental em comunicação*, [s. l.], p. 1-11, 2012.

FIORIN, José Luiz. *Argumentação*. São Paulo: Contexto, 2015.

FREIRE, A. M. A. *Analfabetismo no Brasil: da ideologia da interdição do corpo à ideologia nacionalista, ou de como deixar sem ler e escrever desde as Catarinas (Paraguaçu), Filipinas, Madalenas, Anas, Genebras, Apolônias e Grácias até os Severinos*. São Paulo: Cortez: Brasília, DF: INEP, 1989. (Biblioteca da educação. Série 1. Escola. Volume 4).

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. 12 ed. São Paulo: Cortez, 1989.

GALHARDI, Cláudia Pereira et al. Fato ou Fake? Uma análise da desinformação frente à pandemia da Covid-19 no Brasil. *Ciência e Saúde Coletiva*, [s. l.], n. 25, 2020.

GOMES, S. F.; PENNA, J. C. B. O.; ARROIO, A. Fake news científicas: percepção, persuasão e letramento. *Ciência & Educação*, v. 26, p. 1-13, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ciedu/a/bW5YKH7YdQ5yZwkJY5LjTts/?lang=pt>. Acesso em: 02 nov. 2023.

HEGEL, G.W.F. Fenomenologia do Espírito. In: MENESES, Paulo. Pensamento Humano. 5 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2000, p.10.

IFLA, Internacional Federation of Library Associations and Institutions. How To Spot Fake News – IFLA in the post-truth society. IFLA in the post-truth society, [s. l.], 1 fev. 2017.

ISER, Wolfgang. O ato da leitura: uma teoria do efeito estético. 2 v. São Paulo: Ed. 34, 1996-1999.

ISLAM, Md Saiful et al. COVID-19–Related Infodemic and Its Impact on Public Health: A Global Social Media Analysis. The American Journal of Tropical Medicine and Hygiene, [s. l.], v. 103, n. 4, p. 1621-1629, 2020.

KURODA, S-Y. Reflexões sobre os Fundamentos da Teoria da Narração. In: Jakobson, R. e outros. Língua, Discurso e Sociedade. São Paulo, Global, 1983.

LABATE, Cecília; ARRUETA, César (Comps.). Comunicación digital. Redes sociales, nuevas audiencias y convergencia: desafíos y oportunidades para la industria, el Estado y los usuarios, San Salvador de Jujuy, Ediunju, 2017, 306 pp. ISBN 978-950-721-524-7.

LETRAS, Academia Brasileira de. Pós-verdade. In: Nossa língua, nova palavra, pós-verdade. Site, 2016. Disponível em: <https://www.academia.org.br/nossa-lingua/nova-palavra/pos-verdade>. Acesso em: 18 out. 2023.

LIMA, Pablo de Andrade et al. Fake News - Conceitos, métodos e aplicações de identificação e mitigação. Minicurso 1 (MC-1): Fake News, [s. l.], p. 01-15, 2020.

MACHADO, Jorge; MISKOLCI, Richard. Das jornadas de junho à cruzada moral: o papel das redes sociais na polarização política brasileira. Sociologia&Antropologia, [s. l.], 2019.

MACHADO, Ricardo Batista. O realismo e o sentido de unidade em Papéis avulsos, de Machado de Assis. Brasília, 2017. 174f. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-graduação em Literatura, Instituto de Letras, Universidade de Brasília.

MOTTA, Giovana Caires. Ao abrigo da dissimulação: a crítica machadiana e o mundo das aparências. In: MOTTA, Giovana Caires. Literafro: o portal da literatura afro-brasileira. [S. l.], 2021. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/>. Acesso em: 3 nov. 2023.

OLIVEIRA, Bruno Lucas Mendes de; HERRERA, Hernán Gutiérrez. Fake News e o pensamento crítico: Pensar criticamente para comprovar a veracidade das notícias. Comunidades e Coleções, [s. l.], p. 1-19, 2022.

OLIVEIRA, Carla Conforto de; ALMEIDA, Carlos Cândido de. Informação, pós-verdade e fake news: estratégias para combater as notícias falsas. XXIX Congresso de Iniciação Científica Unicamp, [s. l.], 2021. Disponível em: <https://www.prp.unicamp.br/inscricao-congresso/resumos/2021P19100A36553O5738.pdf>. Acesso em: 18 out. 2023.

OSWALDO CRUZ, Fundação. Estudo identifica principais fake news relacionadas à Covid-19: Infome Ensp. In: ENSP, Infome. Estudo identifica principais fake news relacionadas à Covid-19. [S. l.], 21 maio 2020. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/estudo-identifica-principais-fake-news-relacionadas-covid-19>. Acesso em: 19 out. 2023. Coronavírus Brasil (saude.gov.br).

OXFORD Languages. Word of the Year 2016. Oxford University Press. Disponível em: <https://languages.oup.com/word-of-the-year/2016/>. Acesso em 21 out.2023.

PAULINO, Graça; COSSON, Rildo. Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola. In: ZILBERMAN, Regina; RÖSING, Tania (Orgs.). Escola e leitura: velha crise; novas alternativas. São Paulo: Global, 2009.

PEREIRA, Marcio Roberto. José Veríssimo: leitor de Machado de Assis. TriceVersa: Revista do Centro Ítalo-Luso-Brasileiro de Estudos Lingüísticos e Culturais, [s. l.], v. 1, n. 2, p. 58-69, 2 nov. 2007. ISSN 1981 8432.

PRADO JUNIOR, B. O boi e o marciano. In: Alguns ensaios. São Paulo: Max Limonad, 1985.

RODRIGUES, Eduardo Alves. Fake News e Pós-verdade. In: COELHO, Jussara. Fake News e Pós-verdade. Uberlândia, 22 ago. 2023. Disponível em: [https://comunica.ufu.br/noticias/2018/07/fake-news-e-pos-verdade#:~:text=%E2%80%9CAquilo%20%C3%A9%20verdade%20para%20voc%C3%AA,Vale%20do%20Sapuca%C3%AD%20\(Univas\)](https://comunica.ufu.br/noticias/2018/07/fake-news-e-pos-verdade#:~:text=%E2%80%9CAquilo%20%C3%A9%20verdade%20para%20voc%C3%AA,Vale%20do%20Sapuca%C3%AD%20(Univas)). Acesso em: 23 out. 2023.

ROGOSKI, B. da N., FLORES, E. P., GAUCHE, G., COÊLHO, R. F., & de SOUZA, C. B. A. (2017). Compreensão após leitura dialógica: efeitos de dicas, sondas e reforçamento

diferencial baseados em funções narrativas. *Perspectivas Em Análise Do Comportamento*, 6(1), 48–59. <https://doi.org/10.18761/pac.2015.6.1.a04>.

SANTAELLA, Lucia. A Pós-Verdade é verdadeira ou falsa? Barueri, SP: Estação das Letras e Cores, 2019, p.492-497.

SANTANA, Gislane Pereira; SIMEÃO, Elmira Luiza Melo Soares. Notícias falsas: origens, meios de disseminação, contextos e enfrentamento. In: *Seminário Hispano-Brasileño de Investigación en Información, Documentación y Sociedad*, 8., 2019, São Paulo.

SCHMIDT, Sidinei Mateus; SANTOS, Rosita Da Silva. O argumento de autoridade e a relação direta com o texto motivador: uma análise a partir das redações do vestibular Unijui. *Salão do conhecimento*, [s. l.], p. 1-5, 2016.

Schwarz, Roberto. "Que horas são?" In: *Ao Vencedor as Batatas: Forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. Companhia das Letras, 1987.

SCHWARZ, Roberto. et al. Machado de Assis: um debate (Conversa com Roberto Schwarz). *Novos Estudos*, CEBRAP, nº 29, março, 1991, p. 59-84.

SERRA, Joaquim Mateus Paulo. *Alienação*. Artigos LusoSofia, Covilhã, p. 4-17, 2008.

SILVA, Alzira Karla Araújo da. A sociedade da informação e o acesso à educação: uma interface necessária a caminho da cidadania. *Revista Informação & Sociedade: Estudos*, Paraíba, v. 11, n. 2. 2001.

SILVA, Arlete Andrade da; SOUZA, Sirleide de Jesus. *Essência e aparência: Uma Abordagem Filosófica em Machado de Assis Focando o Narrador-Personagem de Dom Casmurro*. 2007. 66 p. Monografia (habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas) - Universidade do Estado da Bahia, [S. l.], 2007.

SILVA, Francisco Ribeiro da. História da alfabetização em Portugal: fontes, métodos, resultados. *Encontros ibéricos de história da educação*, Biblioteca digital da FLUP, v. 01, p. 101-121, 1992. Disponível em: <https://ler.letras.up.pt/site/geral.aspx?id=3&tp=5&as=Alfabetiza%C3%A7%C3%A3o,%20Portugal&ida=6625>. Acesso em: 5 out. 2023.

SILVA, Gabriela Martins et al. Desafios da imunização contra COVID-19 na saúde pública: das fake news à hesitação vacinal. *Ciência e saúde coletiva*, [s. l.], ed. 03, 2023.

SILVA, Suzete Sousa Melo da. A aparência e a essência no conto "A causa secreta" de Machado de Assis. 2018. 18 p. Trabalho de conclusão de curso (Curso de Licenciatura Plena em Letras Português-Francês) - Universidade Federal do Amapá, [S. l.], 2018.

SOBRAL, João Jonas Veiga. Como Machado de Assis pode relativizar sua vida. [S. l.]: Buzz Editora, 2019. 192 p. ISBN 9786580435050.

UNICEF, Brasil. Muito mais que fake news: Um guia prático para enfrentar a desinformação. Relatórios Unicef, [s. l.], p. 1-23, 2022.

VAN DIJCK, J.; POELL, T.; DE WALL, M. The Platform Society: public values in a connective world. Oxford: Oxford University Press, 2018.

VIANA, N. Linguagem, discurso e poder: ensaios sobre linguagem e sociedade. Pará de Minas: Editora Virtual books, 2009.